



# *FUNCHAL Y LAS PALMAS - HOMBRES DEL MAR DE AQUÍ Y ALLÁ*

## *FUNCHAL E LAS PALMAS - HOMENS-MAR DE CÁ E DE LÁ*

### *FUNCHAL AND LAS PALMAS - MADEIRAN AND CANARIAN SEA PEOPLE*

**Cláudia Faria\* y Graça Alves\*\***

**Cómo citar este artículo/Citation:** Faria, C. y Alves, G. (2017). Funchal y Las Palmas - Hombres del mar de aquí y allá. *XXII Coloquio de Historia Canario-Americana (2016)*, XXII-041. <http://coloquioscanariasmerica.casadecolon.com/index.php/aea/article/view/9987>

**Resumen:** Alrededor de los puertos de Funchal y de Las Palmas, surgen una serie de personajes que hacen del mar y del movimiento de los navíos, su principal fuente de subsistencia. De entre las muchas actividades que se organizan alrededor de la llegada y de la partida de los barcos, que traen el mundo a la(s) isla(s), destacamos la actividad del cambullón, por la importancia que tuvieron en la sobrevivencia de las gentes aledañas al mar y por la poesía que estos oficios envuelven.

En este texto procuraremos entonces conocer a los cambulloneros y a estos “muchachos del mar”, estableciendo, siempre que sea posible, una comparación entre el Puerto de Funchal y el Puerto de La Luz, buscando así homenajear a estos hombres-mar, de aquí y de allá, a partir de sus historias de vida y de la manera como la literatura los (d) escribe.

**Palabras clave:** Madeira, Canarias, cambulloneros, puertos, memoria

**Resumo:** À volta dos portos do Funchal e de Las Palmas, surgem personagens que fazem do mar e do movimento dos navios a sua principal fonte de subsistência. De entre as muitas atividades que se organizam à volta das chegadas e das partidas dos barcos que trazem o mundo à(s) ilha(s), destacamos o bombote e a mergulhança, pela importância que tiveram na sobrevivência da gentes ribeirinhas e pela poesia que tais ofícios envolvem. Neste texto, procuraremos, então, conhecer bomboteiros e rapazes da mergulhança, estabelecendo, sempre que possível, uma comparação entre o Porto do Funchal e o Puerto de La Luz, procurando, assim, homenagear estes homens-mar de cá e de lá, a partir das suas histórias de vida e da forma como a literatura os (d)escreve

**Palavras chave:** Madeira, Canarias, bombote, mergulhança, memória

**Abstract:** It is common to see around port cities, people who have dedicated themselves to varied activities and who totally depend on the flowing of vessels and passengers to survive.

Among the many activities we have chosen to talk about the men who sell different articles on board of bumboats (bombote) and about the young boys who jumped into water to catch a coin (mergulhança) because of their importance to local economy and because of their magical and poetic imaginary. In this paper we have tried to find out how these two maritime activities were described and registered thus establishing a comparison between what happened in Madeira and in the Canary Islands and trying to collect and share the memory people still have on these brave men who used to spend most of their lives at sea.

**Keywords:** Madeira Island, Canary Islands, bumboats sellers, diving boys, memories

---

\* Centro de Estudos de História do Atlântico, Direção Regional de Educação. Rua das Mercês, n.º 8. Funchal (Madeira). Portugal. Teléfono: +351 291214970; correo electrónico: claudiamffaria@gmail.com

\*\* Centro de Estudos de História do Atlântico, Direção Regional de Educação. Rua das Mercês, n.º 8. Funchal (Madeira). Portugal. Teléfono: +351 291214970; correo electrónico: gracaleonor@hotmail.com

No princípio, era o mar. Atlântico. Irmão. Povoado de ilhas que, ao longo do tempo, se fizeram parceiras ou rivais, conforme as suas necessidades ou os interesses. Nesses lugares, o mundo chegava pelo mar e o pulsar de Funchal e de Las Palmas concentrava-se, no “*fore-land*”, à beirinha da terra. À volta dos portos, gente: homens-mar que carregam e descarregam, que vendem e que trocam, que animam e perturbam quem vem de longe, sobretudo a partir do século XIX. Quem passou pelas ilhas e registou o que viu e o que sentiu, escreveu, sobretudo, sobre as impressões das chegadas, sobre a realidade insular que se apresentava a quem vinha de fora, sobre as infraestruturas que (não) existiam, sobre os preços a pagar e sobre as pessoas.

Na memória coletiva das duas cidades – como de outras cidades portuárias – há imagens, gritos e pregões, há acrobacias e sonhos de meninos “*amphibious in their habits*”<sup>1</sup>. Ficaram registados no *travelogues*, nos romances, nas crónicas e nos versos. Mas ficaram registados na memória de quem ainda se lembra do tempo em que a vida se organizava à volta do calhau ou do *muelle*.

Ainda vivem alguns destes homens-mar. Pelo menos, no Funchal. Ainda andam como se estivessem em equilíbrio nas canoas, gingando “os passos ao sabor das nuvens”, como escreveu Carlos Fino<sup>2</sup>, um poeta que fez da ilha da Madeira o seu lugar. Acreditamos que, no Puerto de la Luz, algures entre la Isleta, el Refugio e el Muelle Grande, jogando às cartas, olhando o mar que lhes deu o sustento, em outros tempos, também haja *cambulloneros* dos antigos, “*valientes*”, “*morenos*”, “*hombres de verdad*”, como cantou Néstor Álamo. A nossa homenagem, neste texto.

Para definir esta profissão, o Bombote, “do inglês, Bumboat” (canoa), segundo nota explicativa do Elucidário Madeirense, recorremo-nos da entrada de um dicionário de *Dizeres da Madeira*, de 1950: “Assim se chama na Madeira ao indivíduo que vai a bordo dos vapores que visitam o porto do Funchal, a fim de vender bordados, bilhetes postais e vários objectos produzidos ou fabricados na Ilha”.

Esta definição em pouco diverge da que encontramos para Cambulloneros<sup>3</sup>. Estes vendedores marítimos – de cá e de lá – vendiam o que encantava aos passageiros dos barcos que faziam escala nas ilhas ou que ali vinham à procura de negócio, de um bom clima ou da saúde.

Bomboteiros e Cambulloneros fazem, deste modo, parte do imaginário de muitas cidades-porto. Destas também. Viajantes que escreveram sobre eles reconhecem os gestos, a linguagem, o tom de voz, a forma de regatear, o tipo de mercadorias que levam nas cestas e nas canoas.

Alguns autores especificam esses objetos. Na Madeira, são bordados, obras de vimes, bonecas com traje típico, barretes de vilão, garrafas de Vinho Madeira, embutidos, miniaturas de carros de bois, chalupas, barcos, pencas de banana, papaias, pássaros em gaiolas; em Canárias, nomeadamente em Las Palmas e Tenerife, são outras coisas: papagaios, pássaros, toalhas bordadas, tabaco, bebidas e fruta. Outros descrevem a atividade, num registo quase cinematográfico, sobretudo nos dias de mar alto ou de vento e ondulação em que estes homens – porque se trata de uma atividade masculina – se equilibravam no “leito das canoas”, exibindo as suas mercadorias ou içando-as até aos navios. Assim:

“Bastante curiosa era também a maneira da mercadoria chegar até aos clientes, através de cabos “vai-vem”, lançados com perícia pelos bomboteiros e que acertavam no local, a amurada do navio, onde se encontravam os compradores, por vezes a dez ou mais metros acima da zona do mar, onde se encontravam os bomboteiros<sup>4</sup>”.

<sup>1</sup> BRASSEY (1896), p. 15.

<sup>2</sup> FINO (1986), p. 15.

<sup>3</sup> “Tráfico menudo que, desde botes, se realiza en los puertos, entre vendedores populares y viajeros y tripulantes de barcos en tránsito”. PERES-VIDAL (1991), pp. 270-72.

<sup>4</sup> CAIRES (2008), p. 50.

Na Madeira, os Bomboteiros fazem parte de um grupo maior – os Marítimos – que incluem outros ofícios: mergulhadores, estivadores, barqueiros, pescadores, entre outras profissões, sempre ligadas ao mar e ao movimento dos barcos, na entrada da cidade. Não nos podemos esquecer de que nem sempre o porto do Funchal reuniu as condições necessárias para que as embarcações de maior porte acostassem, pelo que ficavam ao largo, sendo necessário transportar, para a terra, passageiros e mercadorias em canoas e lanchas, primeiro, a remos e, depois, a motor<sup>5</sup>. Os bomboteiros chamavam “da fortuna” às lanchas que transportavam os passageiros para terra: eram maiores e davam mais dinheiro.

À volta do porto, sobretudo nesse tempo, na babugem do mar, a vida fervilhava: barqueiros disputavam os passageiros para os levar para terra; os bomboteiros, nas suas canoas coloridas, vendiam, aos gritos, as mercadorias que transportavam; rapazes mergulhavam moedas e objetos que lhes eram atirados dos vapores.

Os autores portugueses e estrangeiros que descrevem esta ambiência, sobretudo no princípio do século XX, falam da animação, do barulho e, muitas vezes, do incómodo<sup>6</sup>, sobretudo quando estes homens sobem a bordo<sup>7</sup>, apesar de devidamente licenciados pelos comandantes dos navios, que lhes facilitava deste modo, o negócio, entregando-lhes um passe que lhes dava livre-trânsito em determinados lugares dos navios.

Estes homens fazem parte do cenário do ambiente do Funchal. A ilha entra nos navios para oferecer o que tem.

Um texto do Doutor Alberto Vieira chama a atenção para uma atividade paralela, diretamente relacionada com o bombote, o pequeno contrabando<sup>8</sup>. Efetivamente, esta é uma ideia que guardamos da infância, de “coisas” embrulhadas nas toalhas que não se vendiam nos navios, de maços de tabaco de marcas estrangeiras, de óculos, meias de *nylon* sem costuras e de bonecas de cabelos compridos que falavam castelhano.

Ao traçar a história do porto do Funchal, Alberto Vieira, no estudo supracitado, refere-se ao vice-cônsul inglês, Roberto Cock, que já se queixava da insistência desses homens que perturbavam os marinheiros, o que nos indicia a existência desta atividade, no século XVIII. O mesmo texto apresenta, ainda, o decreto n.º 17790, de 1929, como aquele que veio regular o negócio, obrigando os bomboteiros a uma licença passada pela Alfândega do Funchal. Dos

---

<sup>5</sup> “Le débarquement s’opère d’une façon très originale. Comme les paquebots s’arrêtent au large, on se rend à terre dans de petites embarcations montées par deux ou quatre hommes. En approchant de la plage, qui est toute formée de galets, les rameurs attendent la vague qui doit les y jeter, ce qui se fait invariablement avec une remarquable adresse. Sur la plage, le bateau est tiré à terre par une paire de bœufs au milieu des cris assourdissants de leurs conducteurs. Ce genre de débarquement sert seulement pour les jours calmes; quand la mer est mauvaise, cela s’effectue à petit quai réunissant la terre ferme à Ilheo. (...) Une fois à terre, tous les bagages sont transportés à la douane, située sur la plage près de l’endroit du débarquement où l’on procède aussitôt à la visite des malles et des sacs de voyage. Généralement les propriétaires des principaux hôtels ou leurs employés viennent à bord à la rencontre des voyageurs et on ne saurait assez recommander de s’adresser à eux pour ce qui concerne les formalités de douane”. ALBIZZI (1891), pp. 28-29.

<sup>6</sup> Esta atividade será (d)escrita por autores como João Augusto Martins, com algum enfado. Aos bomboteiros chama-lhes “vendilhões muito semelhantes aos seus congéneres italianos, e que num berreiro infernal, invadem a escada, trepam pelo costado e pelas amarras e afrontam os passageiros, começando por pedir preços fabulosos pelos seus produtos, usando duma linguagem rouquenha de taberna e da gíria ordinária e insólita de verdadeiros «pés descalços», como lhes chamam”. NEPOMUCENO (2014), p. 79.

<sup>7</sup> “Improvisa-se a bordo um mercado de produtos da indústria madeirense, as suas rendas, os seus bordados, as mesas de trabalho de verga, as suas cadeiras-leitos, de madeira e pano, ou simplesmente de verga, singularmente cómodas para as quebreiras de bordo. Todos compram bilhetes-postais ilustrados, não achando exagerado que por eles peçam dois tostões”. NASCIMENTO (1949), p. 82.

<sup>8</sup> VIEIRA (2013), p. 65.

dados disponíveis, podemos apontar o ano de 1956, como aquele em que mais licenças foram pedidas, na cidade do Funchal, mais especificamente, 171<sup>9</sup>.

A descrição do que se passava em outros portos, nomeadamente nas ilhas Canárias, não era diferente. Também nos portos de La Luz e de Santa Cruz de Tenerife<sup>10</sup>, apenas para nomear os mais importantes, estes vendedores aproximavam-se dos navios e subiam a bordo para levar o que a terra dava de diferente e – tanto lá, como cá – para trocar essas mercadorias com outros bens que não existiam nas ilhas ou que, em casos muitos concretos da vida daquelas ilhas espanholas, eram essenciais para a sobrevivência de muitas famílias: penicilina, medicamentos, latas de carne, leite em pó, ferramentas. Na realidade, os cambulloneros tiveram um papel muito importante na época de subsistência depois da Guerra Civil. De acordo com alguns registos<sup>11</sup>, eles funcionavam como intermediários entre a despensa dos barcos e as necessidades do mercado local.

Segundo a mesma fonte, a expressão “cambullon” viria da expressão inglesa “come buy on” – “vem comprar”. No Dicionário da Real Academia Española, “Cambullon” é definido como *enrede, cambalache de mal genero, cosas hechas con malicia*. Para estes comerciantes, tudo valia para divulgar e vender os seus produtos. Tanto na Madeira como em Canárias, sabia-se que o que não era conseguido por um “cambullonero” ou por um “bamboteiro” era porque não existia no mercado.

Um ofício portuário, portanto. Um pouco à margem da legalidade, talvez. Com alguma tolerância, “vista grossa”, ou uma certa corrupção por parte das autoridades, certamente, quer na Madeira, quer nas Canárias<sup>12</sup>, onde a própria estrutura de porto franco o permitia.

No caso das Canárias, as primeiras referências a esta atividade remontam a 1842, quando estes comerciantes eram obrigados a ter um cartão de identidade e listas com os preços dos produtos em vários idiomas. No porto do Funchal, a identificação só foi obrigatória mais tarde, em 1929.

Alguns viajantes estrangeiros retrataram estas atividades portuárias. Sabendo que os britânicos foram os que em maior número aportaram no Funchal, não nos espanta de que a primeira referência ao bombote tenha sido, pois, de Harcourt<sup>13</sup> que, assim que chega à baía da capital madeirense, em 1851, descreve a forma como o navio onde viaja é circundado pelas canoas destes comerciantes. O mesmo acontece com Lady Wortley (1854), ou com Embleton (1882), ou com Lady Brassey (1883) ou, já no século XX, com Biddle (1900).

De igual modo, os visitantes estrangeiros que aportaram nas ilhas Canárias, passaram para o papel as suas impressões sobre estes vendilhões. E há algumas semelhanças. Lemus, no seu estudo relativo aos viajantes vitorianos, inclui algumas descrições que referem umas barcaças que se aproximavam do navio, oferecendo o serviço de transporte para a praia – uma espécie de *táxis flotantes* – e vendendo cigarros.

<sup>9</sup> “O período posterior à *Segunda Guerra Mundial* foi florescente nesta atividade que começou a perder importância a partir da década de 70”. VIEIRA (2012), p. 66.

<sup>10</sup> “Luego nos van rodeando barcas con frutas, baratijas, articulos de todo tipo y, seguidamente, nos asalta un ejército de guías, hosteleros, vendedores, barqueros, porteadores... Nos resulta muy difícil mantener la calma y proteger nuestras pertenencias”. MASCART, (2003), p. 37.

<sup>11</sup> <http://caco-lasandunga.blogspot.pt/2010/04/cambulloneros.html>, post de 29 de abril de 2010, consulta de 1 de fevereiro de 2012.

<sup>12</sup> <http://www.revistatara.com/01/12/2007> - consulta de 19 de outubro de 2012.

<sup>13</sup> “...the vessel is surrounded by innumerable boats, painted green, white, blue, and yellow and manned by mahogany-colored boatmen, jabbering very inharmonious Portuguese, one louder than the other”. HARCOURT (1851), p. 3.

Mais tarde, Alfred Brown<sup>14</sup>, autor de um guia sobre a Madeira e as Canárias, oferece ao leitor informações úteis para a viagem e para a estada naqueles arquipélagos e aborda também esta questão das vendas ambulantes, apontando para uma outra profissão que, no Funchal também existia, se bem que menos referenciada: os cicerones que tinham, por função, conduzirem os turistas às lojas de artefactos e às casas de bordado, recebendo, geralmente uma comissão, de acordo com os artigos vendidos.

No Puerto de la Luz, como no Funchal, estes homens organizavam-se em “companhas” [o mesmo nome para uma espécie de cooperativa, de agremiação dos homens do mar], constituídos pelo dono do bote – que tinha autorização para ir a bordo, os vendedores e os miúdos encarregados do cuidado da canoa que – tanto cá como lá – tinham outras funções.

Nos dois portos, a época dourada desta atividade também coincidiu – o período pós-guerra. Os bomboteiros eram, nos dois arquipélagos, intermediários fundamentais entre os barcos e o mercado local.

O Bombote ou o Cambullon é, então, um velho ofício destes portos atlânticos e doutros portos também. Um ofício socio-poético, lembrado, nas Canárias, na topografia e representado, em Las Palmas, num monumento, nos jardins do Castillo de la Luz, obra do escultor Luis Alemán Montull, ou em nomes de ruas. Um ofício socio-poético que a cidade do Funchal se esqueceu de se lembrar publicamente.

No âmbito do Projeto Memória das Gentes que fazem a História, desenvolvido pelo CEHA, e recorrendo-nos da metodologia da História Oral<sup>15</sup>, das Histórias de Vida e da Autobiografia, guardamos memórias na primeira pessoa de alguns desses homens que ainda vão ao mar, sem sair da gare e ainda tentam vender o que já ninguém quer comprar. Por eles, soube-mos da dureza da vida, da necessidade de arriscar, das formas de ludibriar os guardas, das licenças e da falta delas, da vida da cidade até aos anos 70 do século XX, década em que o ofício perdeu o seu valor.

As histórias que nos trouxeram, porém, foram filtradas pelo tempo, reconfiguradas pela mente que a idade cansou. Entre palavras e silêncios, contam histórias de vida que começam do princípio: *Sou bamboteiro, porque o meu pai já era bamboteiro*. Como se isso de ir a bordo fosse um testemunho passado de pais para filhos. Luís da Mota tinha, à altura da nossa entrevista, 84 anos, ainda usava uma barreta preta das antigas e ainda ia ao mar [em terra]. Na sua licença, consta a profissão: vendedor ambulante (marítimo) que ainda exercia em 2013.

Começou por trabalhar na bagagem, miúdo ainda, e tomou o lugar do pai, com o irmão, quando este *morreu, a bordo do vapor do Cabo. Estava a fazer negócio, deu-lhe um ataque, como acontecia a muitos destes homens*, dada a exposição ao sol e aos dias sem horas.

Moravam na zona ribeirinha: Rua de Santa Maria, Almirante Reis, Corpo Santo. Eram todos dali, do Calhau. [Em alguns casos, as famílias, oriundas, sobretudo, de duas (nessa altura) – vilas piscatórias, Machico e Câmara de Lobos], tinham vindo para a cidade, à procura de outras condições sobretudo para a pesca.

Das conversas que mantivemos, com ele, com o Jana, com o Augusto António, com o Duílio, deixamos algumas notas. À notícia de barcos a chegar, os homens dirigiam-se para o mar. Os jornais informavam quando chegavam os navios e a palavra passava, de tal forma que, em

<sup>14</sup> ...la extorsión se siguió practicando entre los que ofrecían servicios callejeros. Eran los cicerones. En efecto, al socaire de los comerciantes, empezó a surgir una turba de cicerones que esperaban en los muelles la llegada de los barcos de escala o turistas y se ofrecían acompañarlas a las tiendas. LEMUS (1995), p. 224.

<sup>15</sup> É nesta linha que Ângela Campos, da Universidade de Sussex, sustenta que “os diálogos intersubjetivos da História Oral permitem-nos compreender melhor a nossa sociedade, as pessoas que nos rodeiam e o significado histórico das suas experiências de vida, evocativas de um período, de um evento, de uma região, de um país”, (CEHA Newsletter, julho 2013), adiantando mesmo que “as vozes da nossa História acercam-se de nós”. (CEHA, Newsletter, julho 2013).

toda a extensão da baía, isto é *entre o Forte de Santiago e o cais do Henrique Figueira*, se distribuía dezenas de canoas – as da bagagem, as dos bomboteiros, as da mergulhança. De acordo com os testemunhos, a “campanha” ou “companha” era constituída por quatro ou cinco homens, no caso do bombote e, nas canoas da mergulhança, por três: o remador, o que apoiava o mergulhador, o lançava ao mar e o ajudava, depois, a subir ao barco.

As canoas ficavam varadas no calhau: junto ao Forte de São Tiago, e em duas praias que ladeavam a Lota, uma do lado esquerdo, outra do lado direito. Jana refere-se ao calhau onde ficavam as Fragatas do Cabrestante que lhe serviram de poiso quando, menino ainda, fugiu da casa do pai, por maus tratos. Ele e outros. Iam ficando por ali, a ajudar a varar as canoas – as do bombote, as da mergulhança e as da pescaria: iam ganhando cinco tostões, um escudo que ajudava a sobreviver.

As canoas do bombote eram maiores do que as da mergulhança. Tinham de ter autorização da Capitania e da Alfândega para poderem ir para o mar. Os bomboteiros mais antigos – nos anos 50, por exemplo - traziam consigo o número da sua licença - numa placa de metal que coziavam à barreta. Iam ao mar, sempre. Mesmo que o mar não estivesse bom, mesmo que “houvesse baga de mar”.

Entre as coisas que partilhou connosco, Jana trouxe-nos as suas licenças – hoje passadas pela Alfândega do Funchal – em conformidade com o Decreto n.º 117.790, de 19 de dezembro de 1929. É clara a frase que antecede a data e a assinatura do Diretor: “*Esta licença é intransmissível, só é válida de sol a sol*”. Por isso, se os barcos chegassem ou partissem de noite – era o caso dos navios do Cabo – os bomboteiros tinham de ir à Alfândega buscar um documento, outra licença, portanto. De acordo com João Xavier de Andrade Nunes – o Jana – esse “papel” custava 6\$00: 1\$00 para o selo e 5\$00 para emolumentos.

Estes homens do mar eram, na sua maioria, analfabetos, mas conheciam bem os números. E era assim: preso com um alfinete, à toalha, por exemplo, estava um código deles. Imaginemos: 7856430120 – isto significava que tinham de entregar à casa 120\$00. Ora, o preço que pediam aos “ingleses” era 300\$00 e iam regateando. Tudo o que ultrapassasse os 120\$00 era para eles.

Vendiam, muitas vezes, *os bordados que as mulheres faziam em casa*. Efetivamente. Não obstante a ilegalidade do processo. Para ir para bordo, as peças tinham de ser certificadas pelo Grémio dos Bordados<sup>16</sup>, mas havia quem falsificasse os selos. Misturavam, então, os bordados do Grémio com os das mulheres e escapavam do imposto, ganhando, deste modo, um pouco mais.

Na verdade, em muitas casas da Zona Velha, se fabricava bordados (tinham os seus desenhos, iguais ao da fábrica, compravam o linho, as linhas, estampavam, lavavam, recortavam). Apurámos que a mercadoria maior era guardada em lojas, armazéns situados nas imediações do calhau, entre a Rua de Santa Maria e o Almirante Reis, se bem que cada bomboteiro guardasse, em casa, algumas peças mais pequenas.

De acordo com a descrição de alguns, os bomboteiros ficavam na canoa à espera que alguém aparecesse no convés. *Lançavam*, então, *voz* [e isto significava, na gíria, gritar para chamar a atenção de tripulantes e passageiros] e mostravam o que tinham para venda. Caso alguém de bordo manifestasse interesse, combinavam o preço, atiravam a mercadoria dentro de um cesto, preso por uma corda. Muitas vezes, ia o produto e o cesto vinha vazio, sem o dinheiro acordado.

Alguns comandantes permitiam que o bomboteiro fosse a bordo. Faziam do convés a sua feira. Estendiam a mercadoria no chão ou num estendal que improvisavam e expunham os seus produtos. Chamam a isso “estender negócio”. Percebemos, ao longo das nossas entrevistas, que nem todos podiam subir ao navio; que quem subia, pedia um passe para outros; que era preciso estar limpo e arranjado para ir ao deck e à cozinha e ficar mais perto dos tripulantes e dos passageiros.

<sup>16</sup> Hoje, Instituto do Bordado e do Vinho da Madeira.

Na canoa, ficava o remador, conhecido também por “moço”. Se os barcos ficavam na baía, durante todo o dia, ia a casa do bomboteiro buscar-lhe o almoço que, dentro de uma cesta, era içado para dentro do navio. No regresso, as canoas eram, muitas vezes, revistadas, de forma a perceber se traziam ou não contrabando. E, muitas vezes, vinha: eram cigarros, salsichas, leite condensado, marmelada..., tesouros que faziam a festa em casas onde se comia, geralmente, milho com café. Estas “trocas” por bolos de mel, vinho, frutas ou bordados são raramente assumidas por eles como contrabando.

No nosso imaginário, os bomboteiros conheciam muito bem a geografia do mundo, conheciam os países donde vinham os “ingleses” que lhes compravam os produtos, conheciam as moedas das outras gentes, aprendiam com eles que o sonho e o mundo eram muito maiores do que a ilha. E falavam inglês, ou qualquer língua, num linguajar que Samuel G. Armistead estudou para as ilhas Canárias – o “pinchigli”<sup>17</sup>.

Com as obras do porto, este ofício mudou de endereço. As canoas foram arrumadas. Agora os bomboteiros ficam à espera. Em terra. A olhar um mar que já foi deles. E de outros rapazes – que já não são rapazes – mas que partilhavam com eles a pobreza e a aventura: os mergulhança<sup>18</sup>.

Esta era uma atividade de mergulho – de cá e de lá<sup>19</sup>, também – praticada por rapazes que aliciavam os passageiros e os tripulantes dos navios a atirarem moedas (e outros objetos) que eles iam buscar ao fundo do mar, depois de algumas acrobacias que alguns, em discurso direto nos contaram: Jana, um desses rapazes de antigamente, conta que mergulhavam de dia e de noite – *a moeda era uma estrela* que caía no mar e brilhava na escuridão da água. Devia ter uns nove anos quando começou a mergulhar, pela mão de Duílio José Lomelino, o Anão, que entrevistamos em 2012. Atirado à água. Literalmente. “Como um gato”. Treinou-se. E era bom no ato de mergulhar. Por ele, sabemos como os “grandes” ficavam com as moedas brancas; que dentro da canoa, iam normalmente três pessoas: o mergulhador, o remador e o pequeno; que mais pequeno era o engodo; que fugiam para não mergulhar, sobretudo nos dias mais frios; que havia três casas de câmbio que lhes trocavam o dinheiro.

Jana fala com saudade desses tempos e da particularidade de haver turistas que, ou por conhecerem esta atividade de outros portos de mar ou porque já tinham passado muitas vezes pelo Funchal, quando o barco se aproximava da baía, já traziam a moeda na mão. Os navios do Cabo eram os melhores. Vinham de noite e, de noite, a água era mais quente. Acendiam umas luzes de petróleo, para poderem ver as “estrelas” que o mar levava. Mergulhavam moedas e outras coisas: pratos, copos, talheres de prata, sabonetes, entre outros objetos que eram atirados dos vapores que haviam de vender, depois, a clientes que já os esperavam.

Às vezes, subiam a bordo. Ele e outros. Nesses dias, saltavam por contrato: combinavam um preço para fazer o espetáculo: mais alto, da amurada, atravessando o navio e guardavam, tantas vezes, as moedas na bainha dos fatos de banho que era de *ganga da reles* ou entre os dedos dos pés, simulando a sua perda, de forma a ver se “*mandavam*” mais uma.

Esta atividade foi registada pela literatura de viagens, sobretudo dos estrangeiros que visitavam a ilha. A primeira referência à mergulhança data de 1853-54 e encontramos-la no *Journal of*

<sup>17</sup> Dialnet-SobreLaLenguaDeLosCambulloneros-91835.pdf.

<sup>18</sup> VIEIRA (2013), p. 65.

<sup>19</sup> «A prática da “mergulhança” no cais constitui outra das visões emblemáticas gravadas na memória colectiva do Funchal, e amplamente retratada pela literatura», afirmam Ana Isabel Moniz e Thierry Proença dos Santos: no ensaio, *O Funchal na narrativa literária e na crónica*. Dizem-nos ainda que esta «é uma prática ainda existente em portos de ilhas periféricas e pobres». De Tenerife, chega-nos também a notícia de uma prática semelhante: «Llegamos a Santa Cruz (...) el barco se ve rodeado por un enjambre de barcas de los isleños: se tiran al agua vestidos con un simples calzón, gesticulan y se empujan, gritan, se insultan, hace todo o el ruido posible para conseguir que los viajeros les echen monedas que, con una zambullida infalible, recogen unos metros debajo de la superficie». MASCART (2003), p. 37.

*a visit to Madeira and Portugal*, de Isabella de França<sup>20</sup>, que nos dá indícios de que este hábito de mergulhar moedas se estendia a outros embarcadores da ilha da Madeira<sup>21</sup>. Outros autores referiram-se-lhe: Dennis Emblenton (1882), Lady Brassey (1865), apenas para exemplificar.

Na literatura em português, a primeira referência que encontramos data de 1894<sup>22</sup> e encontra-se na obra, *Narrativas Insulanas*. O autor, o Visconde Ervedal da Beira chama-lhes *peixes humanos* e observa-lhes o gesto, a técnica, a coragem. Ora descritos como parte do pitoresco da chegada ao Funchal, ora como elementos perturbadores da paisagem<sup>23</sup>, a presença destes rapazes é assinalada em alguns autores portugueses: Brito Camacho, Ferreira de Castro, João França, João Carlos Abreu, Victor Caires, Nelson Veríssimo e José Agostinho Baptista, entre outros.

Quem atira a moeda, não conhece certamente os problemas e as fomes destes meninos<sup>24</sup> que vivem um pouco à margem da sociedade. São artistas, arrancam aplausos, bailam no ar, antes de cair na água e ganham, assim, *o pão de cada dia*.

Esta atividade era de tal modo importante no porto do Funchal que houve necessidade de a regular. Um edital da Capitania do Funchal<sup>25</sup>, publicado em abril de 1953, regulamentou esta atividade: restringia-se a rapazes com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos, sujeitos a inspeções médicas anuais. Para renovação das licenças de mergulhança, tinham de fazer um requerimento “escrito pelo próprio” – o que implicava ser alfabetizado - e acompanhá-lo de um documento confirmado por um cabo do mar, em serviço no Funchal, que garantia que “o requerente sabia nadar bem”. A partir dessa data, passava a ser obrigatório calção próprio para banho “decente e em bom estado”, de cor preta ou azul escura, com um número em branco, numa das pernas, referente à licença da mergulhança. O mesmo regulamento deixava claro que nenhum indivíduo do sexo feminino poderia executar essa atividade marítima.

No Funchal, a poesia dos marítimos acabou com as obras do porto. Os navios deixaram de ficar ao largo e os barquinhos dos bomboteiros deixaram de povoar o mar. Os miúdos da mergulhança envelheceram e deixaram de ser “artistas” a reclamar aplausos junto dos turistas. Os navios, agora, acostam em terra e já não há necessidade de atravessar a *fronteira*, no vaim das lanchas.

Hoje, os Bomboteiros são vendedores ambulantes e montam a banca no porto. Já não vendem bordados ou cadeiras de vimes que ninguém compra. Os rapazes da mergulhança tornaram-se, eles próprios bomboteiros ou estão à espera de outros barcos, em casa, num lar qualquer, ou matando saudades do mar, num jogo de cartas no Campo Almirante Reis.

Em Las Palmas, ainda se fala deles. No Funchal, já não. Pertencem a um tempo que, de tão pobre, se quis esquecer

<sup>20</sup> Consultámos a edição portuguesa datada de 1970 e publicada pela Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.

<sup>21</sup> “Atiram-se eles à água e nadaram atrás de nós, às vezes agarravam-se à amurada e logo mergulhavam outra vez, esbracejando, a pedir, com gestos e exclamações, novas moedas”. FRANÇA (1970), p. 125.

<sup>22</sup> “Parece incrível a destreza e perícia com que estes peixes humanos iam rapidamente arrancar no fundo do mar a pequena moeda de cobre que ali se lhes atirava; muitos passageiros fizeram a experiência, e nem uma só vez falhou; atiravam-se os rapazes de cabeça abaixo, e pouco depois apareciam ao lume d'agua triumphantes, trazendo segura nos dentes a prova da sua façanha; se a moeda era de prata, n'esse caso o trabalho era mais difícil e extraordinário, então atravessavam o navio de mergulho, saltando do lado opposto victoriosos e contentes, e contudo o mar ali era profundo, e tanto que não obstante a transparência da água, não deixava ver a profundidade”. BEIRA (1894), p. 18.

<sup>23</sup> Depois de duas viagens à Madeira, em 1924 e 1934, Oldemiro César também se referiu a esta atividade, integra esta prática na lista das primeiras impressões desagradáveis, depois do encantamento da aproximação do navio, por esta ordem: letreiros em inglês, pedincha e mergulhança: CÉSAR (1944), p. 37.

<sup>24</sup> Veja-se: “Essa moeda fugidia, junto de algumas outras iguais, agarrada à força do fôlego e precisão de movimentos, chama-se pão de algumas famílias do Bairro de Santa Maria Maior, ali à beirinha da praia do Almirante Reis”. FRANÇA (1979), pp. 58-59.

<sup>25</sup> Este edital é referenciado em CAIRES (2008), pp. 55-56 e VIEIRA (2013), p. 65.



Hoje, o bomboteiro faz outras viagens, ginga outros passos, percorre outras ladeiras, as da memória. Foi o que restou. E os registos literários. Há um certo lirismo na forma como esta profissão é apresentada pela maioria dos autores: um misto entre poesia e pobreza, um encanto que se cruza com memórias de infância, de homens que comunicavam com os ingleses, que se entendiam com eles, que traziam, para casa, um bocadinho da riqueza do mundo.

É através do contacto com as pessoas, quer através de entrevistas, quer através de conversas mais soltas que o Memória das Gentes que fazem a História procura (re)construir as vivências da Ilha. Indo para além do arquivo; para além do documento; da fonte histórica convencional na tentativa de complementar a História maisculada, é não só mais exigente como aliciante. Neste sentido, e tomando em linha de conta “le gout de l’archive” de Farge e Foucault, entendemos que as pessoas, os nossos colaboradores, neste caso, podem e devem ser entendidos como “laboratórios vivos”, como fontes de memória (e de esquecimento), sendo por isso, fontes cruciais para todos os investigadores que se interessam em “othering the history of the present<sup>26</sup>”.

## BIBLIOGRAFÍA

- AA.VV. (2013). *Newsletter n.º 10*, CEHA, DRC Madeira.
- AA.VV. (2011). SANTOS, Thierry Proença dos e outros. *Funchal (d) escrito, Ensaios sobre representações literárias da cidade*, Vila Nova de Gaia. 7 dias, 6 noites.
- ALVES, G. e FGARIA, C. (2013). “Atividades socio-poéticas: o bombote, a mergulhança”, *Anuário n.º 5 2013*, Centro de Estudos de História do Atlântico. Funchal, Madeira (2013), pp. 261-282.
- ABREU, J. C. (1996). *Dona Joana Rabo de Peixe*. Funchal: Éter.
- ALBIZZI, Le Marquis Degli. (1891). Madère. *Guide pratique pour malades et touristes*, Paris. pp. 28-29.
- ARMISTEAD, S. (s/d) G., Dialnet-SobreLaLenguaDeLosCambulloneros-91835.pdf.
- BEIRA, Visconde de Ervedal (1894). *Narrativas Insulanas*. Lisboa: Modesto e Companhia.
- BRASSEY, L. (1879). *A voyage in the Sunbeam: our home for eleven months*. London.
- BROWN, A. S. (1932). *Brown's Madeira, Canary Islands and Azores*. London: Simpkins, Marshall, Ltd.
- CAIRES, V. (2008). *Crónicas da Beira-Mar*. Funchal: Funchal 500 Anos.
- CASTRO, F. (1977). *Eternidade*. Lisboa: Guimarães & Companhia.
- CÉSAR, O. (1944). *Terras de Maravilha (os Açores e a Madeira: notas de duas viagens de estudo)*. Lisboa.
- FINO, C. (1986). *XXIII poemas de ilha mar*. Funchal: DRAC .
- FRANÇA, I. (1970). Journal of a visit to Madeira and Portugal. *Jornal de uma visita à Madeira e a Portugal, 1853-1854*, Funchal: Junta Geral do Distrito autónomo do Funchal.
- FRANÇA, J. (1979). *Mar e Céu por companheiros*. O Século.
- HARCOUT, E.W. (1851). *A Sketch of Madeira containing information for the traveller or invalid visitor*, London, John Murray
- GONZÁLEZ LEMUS, N. (1995). *Las Islas de la ilusión, Británicos en Tenerife*. Las Palmas de Gran Canaria: Cabildo Insular de Gran Canaria.
- GONZÁLEZ LEMUS, N. (1998). *Viajeros Victorianos en Canarias, Imágenes de la sociedad isleña en la prosa de viaje*. Las Palmas de Gran Canaria.
- MASCART, J. (2003). *Impresiones y observaciones de un Viaje a Tenerife, C.C.P.C.*
- NASCIMENTO, J. C. (1949). *Lugares selectos de Autores que escreveram sobre a Madeira*. Lisboa. Typ. Ideal.
- NEPOMUCENO, R. F. (2008). *A Madeira na obra de escritores portugueses (séculos XIX e XX)*, Funchal: Liberal.
- PÉREZ VIDAL, J. (1991). *Los portugueses en Canarias: Portuguesismos*. Las Palmas: Cabildo Insular de Gran Canaria.
- SOUSA, L. (1950). *Dizeres da Ilha da Madeira*, Casa Figueira.
- TOMBOUKOU, M. (2015). Archival Rhythms: Narrativity in the Archive.
- VIEIRA, A. (2012). “Do lugar, da cidade e do porto do Funchal”, *Anuário n.º 5 2013*, Centro de Estudos de História do Atlântico. Funchal, Madeira (2013), pp. 9-65.  
<http://caco-lasandunga.blogspot.pt/2010/04/cambulloneros.html>.  
<http://caco-lasandunga.blogspot.pt/2010/04/cambulloneros.html>.  
 (Consulta em: 18/10/2012).  
<http://www.revistatara.com/> (Consulta em: 18/10/2012).

<sup>26</sup> TOMBOUKOU (2015), p. 14.